

Doutor Wellington

Wellington Cavalcanti da Rocha (1938 – 2026)

Por Valther Xavier Aguiar

Wellington Cavalcanti da Rocha nasceu em Curitiba, no dia 28 de março de 1938, filho de João Maria da Rocha e Amara Cavalcanti da Rocha. Um homem íntegro, fiel, religioso, inteligente, correto, leal, observador, visionário e um grande empreendedor. Viveu 88 anos e construiu uma rica e interessante trajetória profissional.

Cursou Engenharia Civil na Universidade Federal do Paraná – UFPR e, antes de atuar como engenheiro, trabalhou no setor farmacêutico. Formado em 1961, Wellington era o que se chama de superengenheiro. Perante o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia – CREA, o engenheiro formado naquela época tinha, e tem, atribuições plenas, incluindo estudo, projeto, construção e direção de edificações, infraestrutura de transportes, saneamento e hidráulica, energia e mecânica, geodésia, urbanismo e cartografia.

Do início de 1962 até outubro de 1969, Wellington trabalhou no DNER – Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, hoje DNIT, onde exerceu funções de chefia em diversos setores, entre eles os setores de equipamentos e materiais, laboratório de solos, projetos de engenharia e fiscalização de obras. Em fevereiro de 1963, casou-se com Terezinha Avais da Rocha. Desse feliz e harmonioso matrimônio nasceram, em Florianópolis, os dois filhos do casal: Wellington e Carlos Valério, ambos engenheiros civis também formados pela UFPR.

No final de 1969, juntamente com o engenheiro Marlus Coelho, Wellington foi convidado por Arno Wolter para trabalhar na ESTEIO Sociedade Civil – Engenharia e Serviços Técnicos para Indústrias e Obras, fundada em dezembro de 1968 por Paulo Aguiar, e hoje ESTEIO Engenharia e Aerolevantamentos S.A. Após pouco mais de dois anos como engenheiro, passou a integrar o quadro societário da empresa, condição em que permaneceu até o fim de sua vida. Nos primeiros anos da ESTEIO, Wellington atuou como dirigente e, principalmente na área de transportes, mas a partir de 1973, em função da necessidade de serviços de topografia e outros levantamentos, começou a se interessar pela área de aerolevantamento, que passou a concentrar sua maior atenção, dedicação e estudos. Seu currículo sempre foi um dos mais extensos da empresa – ao longo de sua vida atuou como engenheiro ou responsável técnico em mais de 400 contratos.

Sob a liderança de Wellington, a implementação dos serviços de aerolevantamento na ESTEIO ocorreu de forma gradual e contínua a partir de 1973. Inicialmente, era uma área de apoio à



engenharia viária e, a partir da década de 1980, tornou-se uma das grandes áreas de atuação da empresa. No início, os serviços de engenharia demandavam levantamentos de campo contratados, que logo depois passaram a ser executados pela empresa. O mesmo também aconteceu com os serviços de estereorrestituição e recobrimentos aerofotogramétricos (voos), sempre com intensa participação do seu mentor intelectual, que manteve o entusiasmo no setor, levando a empresa ao destaque nacional.

Como visionário e empreendedor que foi, acreditava muito na engenharia e no aerolevante e, além de ter inúmeras ideias, também encampou muitas outras ao longo de sua vida. Em meados da década de 1970, a oferta de serviços de recobrimentos aerofotogramétricos não era tão ampla como hoje e, por vezes, os serviços contratados pela ESTEIO não eram priorizados por seus executantes, uma vez que a empresa ainda não realizava essa etapa. Foi então que o engenheiro Arno Wolter levou aos demais sócios uma sugestão do piloto Arlindo Sampaio: adquirir, a custo suportável, uma aeronave acidentada na região amazônica. Wellington gostou, adotou e implantou a ideia. A aeronave americana Piper Cherokee PA-32-260, prefixo PT-CMX, fabricada em 1966, foi desmontada no meio da floresta e transportada, aos pedaços, em um



Aeronaves e câmaras aéreas da ESTEIO no início da década de 1980.

caminhão para Curitiba, onde foi consertada, remontada e adaptada sob a supervisão do próprio piloto, que realizou os vários voos de teste e da nova homologação da aeronave.

Assim, a partir de 1976, cumpridas todas as exigências técnicas, legais, burocráticas e de segurança da época, a ESTEIO passou de

contratante a também executante da tão sonhada fase aérea, ou de recobrimento aerofotogramétrico. Depois disso, houve investimentos constantes em conhecimento, tecnologia, equipamentos, aeronaves e sensores nas mais diversas áreas de atuação da empresa, todos com o aval técnico do Doutor Wellington. Por uma tradição cultural e por status social, os engenheiros daquela época eram chamados de doutores, e com ele não foi diferente, tanto que, até os dias atuais, há sempre alguém se referindo a ele como Doutor Wellington.

No início da carreira, Wellington foi um enérgico líder, tanto pela sua dedicação como, por vezes, pela forma como exercia o comando técnico dos serviços e da empresa. Houve uma época na ESTEIO em que o doutor era chamado por alguns colaboradores e amigos mais brincalhões de “Doutor Bronquinha”, apelido atribuído na sua fase mais enérgica, mas que durou pouco. Embora a fama de bravo o tenha acompanhado por algum tempo, sua sabedoria, temperança e o seu grande respeito por todos foram se impondo, e ele passou a ser visto muito mais como um mentor e conselheiro de colegas, colaboradores e, principalmente, das gerações mais jovens que ingressavam na empresa. Hoje, poucas pessoas ainda se lembram da rigidez de outrora, mas sim do seu dócil e gentil comportamento.

Wellington adorava uma boa conversa e dava a mesma atenção a quem quer que fosse. Era admirado e respeitado por colaboradores, fornecedores, contratantes e até por diversos concorrentes. Um dia, em conversa com um jovem contratado para serviços topográficos,

comentou que, se tivesse a idade dele, iria investir na obtenção de conhecimentos em fotogrametria, pois acreditava que esse ramo da engenharia teria grande crescimento nos anos seguintes. O resultado dessa conversa deu origem, algum tempo depois, a uma empresa de sucesso com perfil semelhante e concorrente da ESTEIO. As pessoas de fora o conheciam como Wellington da ESTEIO e, nas correspondências internas da empresa, alguns se referiam a ele como WCR.

Sua energia foi muito positiva na solução de um conflito. Na fase inicial das atividades de aerolevanteamento, no final da década de 1970, a ESTEIO foi contratada por uma grande empresa do mesmo setor. Porém, parte do pagamento pelos serviços não foi efetuada, mesmo com as insistentes cobranças dos seus sócios à época. Wellington teve uma ideia e decidiu então entrar no circuito para resolver o assunto. Comprou uma passagem aérea, foi até a empresa mesmo sem agendar a visita. Ao chegar, relatou o problema e disse que não sairia de lá enquanto não recebesse a dívida.

Depois de muita conversa, possivelmente não das mais amigáveis, saiu de lá com uma câmara aérea como pagamento da conta. Obviamente, ele já tinha saído de Curitiba com a ideia de voltar com a câmara suíça, Wild RC-8, na bagagem. Como costumava dizer, “matou dois coelhos com uma cajadada só”, ou seja, recebeu a dívida e ainda incorporou, a partir de 1980, um ótimo e produtivo equipamento à empresa. Por alguns anos essa câmara aérea de grande formato foi utilizada pela empresa em diversos contratos.



Câmara Wild RC-8 instalada na aeronave Cherokee

Certo dia, o ainda enérgico Doutor Wellington estava chegando na empresa, e em um dos corredores, havia um trabalhador fazendo reparos. Ele passou e notou que havia algumas ferramentas e sujeira espalhadas por ali. Aproximou-se do trabalhador e disse algo mais ou menos assim: “Quando você terminar o serviço, por favor, deixe tudo bem limpo e organizado aqui!” O trabalhador, que aparentemente não gostou do comentário e desconhecia que estava conversando com um dos dirigentes da empresa, respondeu: “Cuide do seu serviço, que eu cuido do meu!” Dizem as “más línguas” que o doutor nada comentou ao trabalhador, mas foi até sua sala, ligou para o chefe da manutenção e disse que quando aquela pessoa terminasse o serviço, era para acertar as contas e não mais contratá-la. Essa história é sempre lembrada em algumas conversas descontraídas na empresa.

Na sala que mais usou durante sua vida na ESTEIO havia uma parede de vidro por onde se via a sala de estereorrestituição, que ele preferia chamar de captação fotogramétrica, departamento que recebeu dele especial atenção durante os primeiros anos após seu surgimento. Foi dali que recebeu o simpático apelido de Cabeção. Alguns dizem que foi porque dessa sala só se enxergava a cabeça do chefe. Outros que o apelido tem origem na sua cabeça privilegiada e também por ter sido, por muito tempo, a cabeça pensante da empresa na área técnica. Não se sabia, e acho que ninguém perguntou o que achava do apelido, até porque não se dirigiam a ele dessa forma. Mas, exatamente trinta anos atrás, houve um episódio engraçado em que ele demonstrou leveza e mostrou aceitar de bom grado o apelido. Ele ligou por engano para o ramal de uma engenheira, recém-contratada, procurando outro engenheiro. Quando percebeu que havia ligado para o ramal errado ao ouvir uma voz feminina, perguntou se ela sabia onde estava o Amauri, a quem procurava. A engenheira, como não reconheceu a voz do famoso Doutor

Wellington, respondeu de bate-pronto: “O Amauri está na sala do Cabeção!” Ele, demonstrando serenidade e simpatia, respondeu mais ou menos assim: “Sou o Cabeção e aqui o Amauri não está!” A engenheira ficou completamente desconcertada e ao mesmo tempo aliviada, pois o Doutor Wellington havia dito aquelas palavras de uma forma bem alegre e descontraída.

Ao conhecer esse texto, sua esposa comentou: “Wellington não gostava nem desgostava do apelido. Achava engraçado!” Assim como muitos colaboradores, ele também contou essa história diversas vezes em encontros com familiares e amigos, sempre com muita descontração. O que muda, às vezes, são as palavras ditas, mas a história permanece a mesma.

Sua proximidade com as pessoas também se refletia em sua rotina dentro da empresa. Durante sua caminhada diária, era comum que o Doutor Wellington abordasse colaboradores, muitas vezes escolhidos ao acaso, para fazer uma pergunta que se tornou uma de suas marcas registradas, sobretudo na década de 1980: “O que você está inventando?” Embora esse hábito o tenha acompanhado ao longo da vida, foi nesse período que ele se tornou particularmente marcante. Para aqueles que ainda não o conheciam bem, a indagação podia soar como demonstração de desconfiança sobre o que estava sendo realizado. Na realidade, porém, essa era sua maneira peculiar de acompanhar as atividades e se manter informado sobre o andamento dos trabalhos. Frequentemente, aproveitava essas conversas para orientar os colaboradores e oferecer valiosas sugestões para o aprimoramento da qualidade e o aumento da produtividade. Da mesma maneira, costumava perguntar, após os fins de semana, a qualquer colaborador — estivesse ele ou não diretamente envolvido na atividade — sobre o resultado dos recobrimentos aerofotogramétricos executados. Muitas vezes, a pessoa sequer tinha conhecimento da operação. Ainda assim, por se tratar de uma pergunta do Doutor Wellington, todos faziam questão de descobrir a resposta e dar um retorno o mais rápido possível. Enquanto a resposta era procurada, essas indagações movimentavam a empresa e refletiam seu estilo singular de liderança: um dirigente permanentemente atento ao que acontecia ao seu redor e capaz de despertar, em toda a equipe, o interesse pelo sucesso das operações e pela qualidade do trabalho desenvolvido.

Era um bom ouvinte e nunca se recusava a ouvir ninguém. Como muitos o procuravam para isso, houve um período em que mantinha sobre sua mesa uma ampulheta para impor um certo limite de tempo àqueles que iam até sua sala para reclamar ou para conversas menos objetivas. Como seu vizinho de sala, conheci a ampulheta, mas nunca o vi fazer uso dela; talvez sua simples presença fosse apenas um lembrete de que poderia ser utilizada. Gostava mais de ouvir do que de falar. Não tinha o dom nem a habilidade de contar piadas, mas adorava ouvi-las, principalmente do amigo e sócio Marlus Coelho, e quando gostava, não economizava em suas altas e sonoras gargalhadas, por vezes ouvidas à distância.

Wellington sempre foi dedicado ao aerolevanteamento. No início da atuação da empresa no setor, a etapa “matemática” de aerotriangulação, que exige muitos cálculos, precisava ser realizada fora da ESTEIO, pois a empresa ainda não possuía estrutura computacional adequada. Para fazer esse processamento, Wellington se deslocava de Curitiba ao Rio de Janeiro, onde utilizava o computador central da Universidade Federal do Rio de Janeiro, época em que a introdução dos dados ainda era feita por meio de cartões de papel perfurados. Comentava com saudosismo que, naqueles tempos, com muita frequência tinha de atravessar a noite trabalhando, pois era o horário no qual o computador estava disponível para sua utilização. Foi, certamente, um dos pioneiros em diversas áreas do aerolevanteamento no país.

Era um ávido leitor da revista da Sociedade Internacional de Fotogrametria e Sensoriamento Remoto – ISPRS. Buscou conhecimentos mundo afora em congressos nacionais e internacionais, especialmente na Alemanha, onde participava de uma conferência realizada a cada dois anos desde 1909 — a Semana Fotogramétrica, certamente o seu evento favorito e do qual mais participou. Adorava acompanhar as frequentes e saudáveis discussões técnicas entre as universidades de Stuttgart, Hannover e Munique, especialmente sobre aerotriangulação, ortofoto e restituição. Isso aconteceu principalmente nas décadas de 1980 e 1990. Em 2005, foi sua última participação nesse evento.



Os sócios Marlus, Wellington, Arno e Luiz Fernando na década de 1980

Depois disso, acabei herdando esse interessante hábito, não sem o compromisso de relatar a ele, em detalhes, todos os acontecimentos da conferência – fiz isso religiosamente até o evento de 2025. Ele frequentemente dizia que o que se discutia na *Photogrammetrische Woche (PhoWo)* certamente chegaria às empresas nos anos seguintes. Talvez por conta desse estreito contato com a Alemanha, e também por seu sócio e amigo, Arno Wolter, ter origem alemã, alguns acreditam que a ESTEIO teve uma certa tendência à utilização de equipamentos alemães, como os da Carl Zeiss, ou mesmo suíços, como os da Wild, que hoje fazem parte do mesmo grupo Hexagon/Leica. A realidade é que as escolhas sempre foram amplamente discutidas sob os diversos aspectos técnicos, comerciais e financeiros, hábito até hoje cultivado.



Prof. Ackermann na PhoWo de 2019.

Por conta do entusiasmo pela inovação tecnológica, pelas conferências e seus estudos, conheceu muitas pessoas que gostava de citar em suas conversas profissionais, entre elas os professores Bittencourt de Andrade, Camil Gemaël, Odenir Müller, Placidino Machado, Dieter Fritsch, Friedrich (Fritz) Ackermann e Karsten Jacobsen, além do engenheiro Dr. Eberhard Seeger, da Divisão de Fotogrametria da Carl Zeiss Oberkochen, entre outros. O professor alemão Fritz Ackermann, um expoente mundial da fotogrametria e organizador da Semana Fotogramétrica à época, visitou a ESTEIO em pelo menos duas ocasiões a convite de Wellington.

Era fluente em inglês, embora preferisse ler a escrever ou mesmo a falar. Costumava dizer, em tom de brincadeira, que seu inglês era “macarrônico”, uma forma bem-humorada de reconhecer que não dominava a língua como gostaria. Wellington também se expressava em espanhol, pois, durante vários anos, coordenou as operações da empresa na Argentina e no Paraguai. Pode-se dizer que era um dos homens internacionais da ESTEIO. Teve expressiva atuação nas iniciativas de internacionalização da empresa, participando, juntamente com os outros sócios, dos investimentos realizados nos Estados Unidos e, posteriormente, da aquisição de uma empresa em Portugal, que passou a administrar, juntamente com os sócios portugueses, durante cerca de dois anos, realizando frequentes viagens ao país. Essa iniciativa tinha como objetivo levar os

serviços da empresa ao Mercado Comum Europeu. Em seu vasto vocabulário havia ainda diversas expressões em alemão, francês, italiano e latim, embora não dominasse esses idiomas.

O seu gosto e entusiasmo pelas novas tecnologias foram os maiores responsáveis pelo pioneirismo e frequentes investimentos da ESTEIO nos mais diversos segmentos. Wellington foi responsável pela introdução pioneira dos microcomputadores na empresa; graças a ele, ela foi também uma das primeiras a possuir estereorrestituidor analítico, receptores GPS, ortofoto digital, além de ter sido ainda a primeira empresa brasileira a operar produtivamente sensores aéreos digitais de laser, de imagem e batimétricos.

O crescimento do setor de aerolevantamentos na ESTEIO contou com a forte liderança de Wellington, mas foi também resultado da confiança dos sócios, com quem compartilhou as principais decisões, e da importante colaboração de diretores, engenheiros e inúmeros profissionais que, em diferentes momentos, contribuíram para consolidar o sucesso da empresa.

Cultivava o gosto pela tecnologia em seus hobbies. Wellington costumava ser a primeira pessoa a conhecer e adquirir as novidades em áudio, fotografia e vídeo, conhecendo profundamente esses equipamentos. Inúmeras vezes auxiliava amigos e colegas a escolher seus próximos aparelhos domésticos, de videocassete, *LaserDisc*, CD, DVD e *Blu-ray*. Era frequentemente o primeiro a adquirir os telefones celulares mais modernos da época, fossem eles Motorola, Palm,



Nokia ou, mais recentemente, Samsung. Esses últimos foram responsáveis pela sua desistência das sofisticadas filmadoras ou câmeras fotográficas, seus pesados conjuntos de lentes e outros acessórios que carregava em suas inúmeras viagens pelo mundo ou mesmo em alguma festa. Adorava essas novidades, e investiu muito nesses gostos, não sem receber – e enaltecer bastante – as críticas que a mulher, sua alma gêmea, fazia desses seus caros caprichos. Wellington sempre tinha as melhores TVs do mercado, entre diversos outros dispositivos, como amplificadores, *players*, *receivers* e *subwoofers* de altíssima qualidade, ou “*high-end*”, como costumava dizer. Com ele descobri a existência das excepcionais caixas acústicas inglesas da marca Bowers & Wilkins, a famosa B&W, da qual também me tornei fã e adepto. Por indicação dele, conheci também a lendária loja B&H Photo Video, em

Nova York, que ele frequentava desde a década de 1970. Esse perfil entusiasta se estendia também aos carros, sobretudo pela tecnologia e conforto embarcados. Gostava dos automóveis alemães, preferencialmente da marca Mercedes-Benz.

A minha feliz carreira na ESTEIO não teria sido a mesma sem a participação do Wellington. No início ele foi meu mentor e grande incentivador, depois virou um conselheiro e, por último, um amigo. Participou de vários momentos importantes da minha vida: foi ao meu casamento, visitou meus filhos quando recém-nascidos, comemorou e vibrou com algumas de minhas conquistas, e também esteve presente em alguns momentos difíceis. Mostrou-se um ótimo companheiro nas viagens que fizemos a trabalho. E, em uma viagem técnica e comercial ao Canadá, fiquei muito surpreso ao descobrir o quanto gostava de chocolate — nunca conheci alguém que gostasse tanto e comesse chocolate com tanto prazer! Gostava da boa mesa, sendo camarão e bacalhau alguns dos seus pratos preferidos. Era apreciador e conhecedor de vinhos. Sua uva preferida era a

Cabernet Sauvignon. Em um primeiro momento, parecia preferir vinhos franceses e italianos. Nutria interesse pelos espanhóis e portugueses; depois descobriu os chilenos e, por último, passou a apreciar também alguns bons vinhos argentinos. Conhecia ainda inúmeros rótulos de outras regiões do Velho e do Novo Mundo.

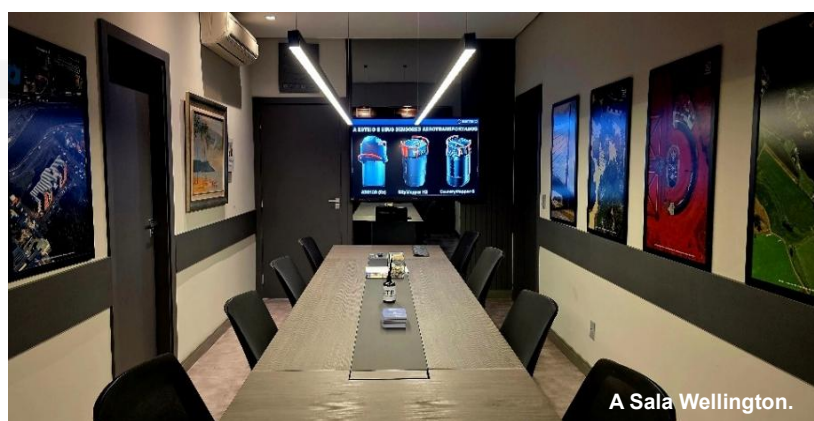
Wellington era uma pessoa despretensiosa, modesta e até mesmo tímida diante de estranhos. Ao longo de sua vida, por diversas vezes declinou de proferir palestras, receber homenagens, participar de solenidades e de outras situações em que tivesse de ocupar o centro das atenções. Em certa ocasião, chegou a ser cogitado para assumir a presidência da ESTEIO, mas descartou categoricamente essa hipótese, afirmando que não era político o suficiente para exercer a função. Como legado dessa trajetória, atualmente um dos seus filhos ocupa esse cargo.

Sua postura discreta e sua natural aversão ao protagonismo contrastavam com a relevância de suas contribuições para a Cartografia. Em reconhecimento a esse legado, foi admitido, em 2004, na Ordem do Mérito Cartográfico, no grau de Cavaleiro, sendo posteriormente promovido, em 2013, ao grau de Oficial. As distinções foram concedidas pela Sociedade Brasileira de Cartografia, que reserva essa honraria aos cartógrafos que tenham prestado notáveis serviços à Cartografia, ao País ou que se tenham distinguido no exercício de sua profissão. Fiel à sua postura reservada, em ambas as ocasiões Wellington designou representantes para receber as honrarias em seu nome, preferindo que o reconhecimento recaísse sobre a obra realizada e não sobre sua própria figura. Entretanto, não há dúvidas de que, embora tardias, essas comendas foram mais do que justas.

Durante sua longa passagem pela empresa, conviveu com inúmeras pessoas que o respeitavam e admiravam. Ele, por sua vez, também estimou e admirou muitos dos seus amigos, conhecidos e colaboradores, entre eles Aldo Patitucci, Amauri Brandalize, Antônio Montes Luz, Arno Wolter, Carlos Trindade, Denise Rodbard, Eduardo Figueira, Fernando Brito, Hamilton Lancia, Ivanir Bortolanza, Jair Barbosa, João Maurício, José Alexandre, Luiz Fernando Aguiar, Maria Cecília Bonato, Mário Sato, Marlus Coelho, Paulo Müller de Aguiar, Regina Nickel, Renato Asinelli, Roberto Cassou, Robson Oliveira, Ruth Nogueira, Wanderlei Ribas, entre muitos outros cujos nomes não foram aqui citados por pura falta de espaço, a quem peço desculpas. Ainda assim, todos tinham lugar em suas lembranças, sempre mencionados por ele com grande respeito e carinho.

Para muitos, Wellington foi quase um pai. Era uma pessoa que tinha enorme prazer pela vida e demonstrava muito amor e dedicação aos seus familiares. Foi um eterno apaixonado por sua mulher, amava com muita intensidade seus filhos, netos, noras e também as irmãs e sobrinhos.

Em 2025, a ESTEIO revitalizou algumas salas da empresa. A sala que pertencia ao Doutor Wellington foi transformada em uma bela sala de reuniões, e o nome dado não poderia ser outro. A Sala Wellington é moderna, tecnológica, possui ótima estrutura e é utilizada frequentemente por todos da empresa para reuniões



A Sala Wellington.

presenciais ou remotas, bem como para apresentações técnicas. Uma simples homenagem a quem tanto fez pela empresa. Lamentavelmente, ele não conheceu pessoalmente a Sala Wellington, mas ficou muito feliz quando a visitou virtualmente, por meio de um vídeo que só depois foi compartilhado nas redes sociais. A sala foi decorada com diversas imagens coletadas pelos sensores da empresa e abriga também um quadro pintado pelo próprio Wellington em 2008



e por ele assinado, algo que, segundo Carlos Valério, era raro em suas telas. A pintura foi o hobby que cultivou até seus últimos dias. Ao lado dessa bela tela, foi colocado um pequeno quadro com uma imagem em que ele aparece na sua antiga sala. E, junto a essa imagem, o seguinte texto: “Sala Wellington – Por cerca de 40 anos, parte do espaço desta sala de reuniões foi a sala do engenheiro Wellington Cavalcanti da Rocha, um dos fundadores do setor de aerolevantamento na ESTEIO. Esta tela, pintada por ele, fazia parte da decoração da sua sala e a mantivemos aqui após sua

aposentadoria, como uma homenagem da empresa à sua incansável dedicação, confiança e gigantesca contribuição técnica. ESTEIO, novembro de 2025.”

Wellington tinha um vocabulário muito vasto, rico e particular. Não se pode deixar de citar algumas entre as muitas expressões que gostava de usar com frequência e sabia, como poucos, encaixar nos diálogos com muita propriedade. Entre as muitas de que ainda me lembro estão: “a virtude está no meio”, “do couro sai a correia”, “morder a isca”, “não existe mulher meio grávida”, “professor de Deus”, “roda presa”, “rusga”, “Deus te abençoe”, “uma única maçã podre na caixa pode estragar as demais” e “etcétera e tal”.

Também utilizava, com naturalidade, palavras e expressões de outros idiomas, como as alemãs *Guten Morgen, alles blau e danke schön*; as italianas *primadonna, meno male, capisci e grazie mille*; as francesas *bonjour, comment allez-vous?, monsieur e très bien*; e as latinas *honoris causa, in loco, ipsis litteris, ad aeternum*.

Mais do que um engenheiro, Wellington deixou um legado de conhecimento, pioneirismo e valores humanos que continuará presente na trajetória da ESTEIO e na memória de todos aqueles que tiveram o privilégio de conviver com ele. Este texto é uma singela homenagem ao grande homem que foi Wellington Cavalcanti da Rocha para inúmeras pessoas, especialmente para sua família, representada por Terezinha, Wellington Filho, Carlos Valério, Juliana, Rafaela, Rodrigo, Simone e Kelly Regina.

Wellington, Doutor Wellington, Wellington da ESTEIO, Seu Wellington, WCR, Cabeção ou qualquer outra maneira carinhosa pela qual tenha sido chamado ao longo dos seus 88 anos de vida: descanse em paz. Você fez muito bem a sua parte e deixou muitas saudades...